

PRÁTICAS CORPORAIS, ARTE E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Área temática: Cultura

Coordenador da Ação: Gláucia Andreza Kronbauer¹

Autores: Paula Izabella Chagas².

RESUMO:

O corpo e as práticas corporais assumem distintas concepções, formas e conteúdos nos diferentes tempos e espaços em que se manifestam. Nas sociedades modernas, o corpo tem sido comumente associado à formas específicas de disciplina, controle, regras e comportamentos corporais pré-estabelecidos e reproduzidos acriticamente, dificultando a criação de novas expressividades. Este trabalho trata de uma oficina de práticas corporais elaboradas com base numa perspectiva artística, com o objetivo de proporcionar experiências de movimentos e gestos que enfatizem a expressividade e a criatividade corporal dos participantes. Foram elaboradas/adaptadas oito atividades cênicas que possibilitarão um espaço de criação de formas de se comunicar por meio do corpo. As práticas corporais realizadas pela perspectiva da arte tem importante papel na formação de seres humanos que reconheçam em si a potência para a formação e a transformação de suas formas de existência.

Palavras-chave: arte, extensão universitária, práticas corporais, cultura.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de apresentar uma proposta de oficina de práticas corporais elaboradas com base numa perspectiva artística. As oficinas de

¹ Doutora em Educação. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste, campus Irati, PR. E-mail: glaucia.kronbauer@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste, campus Irati, PR.



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



práticas corporais integram as atividades do projeto de extensão “Circo em Contextos”, do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, campus Irati.

Entre as bases teóricas que fundamentam esta proposta, partimos da noção de que o corpo e o movimento são a materialidade da nossa existência, meio de interrelação com o ambiente e com os outros seres. É por meio do corpo que o ser humano transforma a natureza para produzir sua existência e, ao mesmo tempo, nesse processo o corpo em si é transformado. Se, no princípio, o corpo se constituiu como dimensão unicamente biológica, o aspecto natural do homem, compreendemos que a partir do trabalho esse corpo se reelabora socialmente, como meio (instrumento) de transformação da natureza e, ao mesmo tempo, como resultado do trabalho, em sua própria transformação. Na Ideologia Alemã, Marx e Engels abordam o materialismo de Feuerbach e apontam para a limitada compreensão do autor quando se refere ao homem como objeto do mundo sensível. Para eles, a relação do ser humano com o mundo sensível não é unidirecional, mas dialética; ele é objeto, mas também agente do mundo sensível (MARX & ENGEL, 2007). Surge uma nova realidade que não é mais natural, mas social. Ou seja, se o corpo é meio de trabalho, mas também um fim em si mesmo, ele deixa de ser um organismo biológico e se torna uma realidade social – humana.

O segundo aspecto a se considerar é a arte, uma construção histórica e cultural com fins de atendimento às necessidades estéticas de cada sociedade. Como afirma Fischer (1983), o ser humano busca constantemente a plenitude que transcende o ser individual e, para isso, ele precisa se apoderar de tudo aquilo de que a humanidade é capaz, ou seja, todas as experiências que ele potencialmente pode realizar como indivíduo. Neste caso, a “arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias” (FISCHER, 1983, p. 13).

Contudo, segundo o autor, a arte como uma construção que toma forma na objetividade, na existência material, não está isenta das contradições inerentes à sociedade na qual surge. Como aponta Lukács “nem a ciência, nem os seus diversos ramos, nem a arte, possuem uma história autônoma, imanente, que resulte



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



exclusivamente de sua dialética interior” (LUKÁCS, 2012, p. 12).

Numa sociedade dividida em classes, portanto, a arte pode assumir funções distintas: se, por um lado, ela pode embriagar sua plateia de magia e experiências irreais para disfarçar as desigualdades sociais existentes e desmobilizar, por outro lado, ela pode revelar a realidade social “no seu mecanismo de aprisionamento posta sob uma luz que devesse a “alienação” do tema e dos personagens. A obra de arte deve apoderar-se da plateia não através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão que requeira ação e decisão” (FISCHER, 1983, p.15). Neste caso, ela se torna uma importante mediadora para a tomada de consciência, aspecto indissociável da transformação.

A terceira definição imprescindível para esta proposta está relacionada à função da educação, em suas mais diversas formas, entre as quais destacamos o papel educador das ações extensionistas promovidas pela universidade. Acreditamos no conceito de educação como processo que consiste em “produzir em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1995, p. 11). Uma proposta de educação crítica e transformadora trata da possibilidade de acesso aos conhecimentos, habilidades, comportamentos, valores, etc. que permitam ao ser humano se *constituir* como ser social e produzir suas condições materiais de existência (*Ibidem*).

Neste cenário, a Educação Física surge como a área de estudos e atuação que tem como objeto as manifestações da cultura corporal em suas diversas dimensões: histórica, cultural, econômica, biológica, social, artística, entre outras. No entanto, parece que ainda mantemos parte dos fundamentos da educação institucionalizada do corpo, quando, no século XIX, os aspectos artísticos foram abolidos em favor da eficiência técnica e da funcionalidade para o trabalho fabril. O corpo – enquanto meio e produto de humanização pelo trabalho – se tornou apenas força motriz para o sistema produtivo (SOARES, 2002).

Muitas rotinas escolares apresentam um conjunto de normas extremamente limitantes de ação corporal: em sala de aula os alunos sentam, de preferência com uma “postura correta”, em cadeiras padronizadas, apoiam os braços e escrevem sobre mesas padronizadas, olhando para frente em silêncio



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



(STRAZZACAPPA, 2001). Fora da escola, a educação do corpo assume o discurso midiático para atender aos interesses do mercado que, há cada dia, cria novas necessidades corporais e novos padrões a serem reproduzidos, e com eles, um conjunto de produtos e serviços para suprir tais necessidades e alcançar os referidos padrões (SILVA; 2001). Ou seja, ao invés de potência, o que se percebe são formas de coerção do corpo.

A partir das bases teóricas apresentadas, acreditamos que: sendo o corpo a materialização da nossa existência, nosso meio de humanização; sendo a arte uma construção humana para o atendimento às nossas necessidades estéticas e importante agente de disseminação cultural; sendo a educação o processo de socialização de conhecimentos construídos culturalmente pela humanidade ao longo de sua história que ensina o ser humano a *ser humano*; as práticas corporais realizadas pela perspectiva da arte tem importante papel na formação de seres humanos que reconheçam em si a potência para a formação e a transformação de suas formas de existência. Neste sentido, o objetivo da oficina aqui apresentada é proporcionar experiências de movimentos e gestos que enfatizem a expressividade e a criatividade corporal dos participantes.

2 DESENVOLVIMENTO

Propomos neste trabalho a realização de uma oficina que se efetive como espaço de experimentação de movimentos e de reconhecimento do corpo como importante elemento de comunicação e de transformação da realidade. Ela poderá atender tanto à alunos do Ensino Médio, quanto professores e também acadêmicos dos diversos cursos de graduação.

Foram elaboradas/adaptadas oito atividades que enfatizam a criatividade e a expressividade corporal, com base em materiais disponíveis na internet e no fichário de Jogos Teatrais de Viola Spolin (SPOLIN, 2001). O quadro a seguir apresenta uma breve descrição das atividades.



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



Quadro 1 – Descrição das atividades propostas para a oficina

Atividade	Descrição
Apresentação	Cada participante escreve seu nome, instituição e curso em um pedaço de papel, que será colocado dentro de uma bexiga, e enche a bexiga. Todos deverão jogar as bexigas para cima e batê-las durante algum tempo, para que se misturem. Ao comando do ministrante, cada participante segura uma bexiga. Um por um os participantes estouram a sua bexiga e apresentam o colega.
Experimentando sensações	Os participantes se organizam em duplas. Um dos participantes de cada dupla será vendado e o outro irá guiá-lo, fazendo-o experimentar sensações de tato possíveis no ambiente. Em seguida, troca-se o participante vendado, para que os dois possam experimentar as sensações e guiar.
Quem? Onde? O que?	Os participantes serão organizados em grupos. Um voluntário de cada grupo inicia a atividade. O ministrante fornecerá à cada voluntário informações sobre uma pessoa, animal, personagem, etc. (Quem), um local (Onde) e uma ação que está sendo realizada. O voluntário utilizará apenas mímica para que seu grupo adivinhe Quem, Onde e o Que. Em seguida, o voluntário do próximo grupo repete a atividade.
Formação de cena	Permanecerão os grupos da atividade anterior. Cada grupo irá receber um tema. Um integrante de cada vez, terá que constituir uma cena correspondente ao tema, relacionando com os elementos da cena, sem comunicações e combinações entre si. Por fim, os outros grupos terão que adivinhar o tema encenado.
O atrapalha cena	Cada grupo irá criar uma encenação. Um dos integrantes deverá atrapalhar a cena que os demais estarão apresentando.
Tradutor	Em duplas, um dos participantes falará em uma língua desconhecida, criada por ele. O outro integrante da dupla irá traduzir para os demais colegas.
Vendendo o produto	Os participantes serão organizados em grupos. Cada grupo deverá criar um produto a ser vendido. A partir do produto, o grupo elabora uma propaganda para vende-lo e a encena para os demais grupos.
Mova-se conforme a música	Como atividade de encerramento, todos irão andar pelo espaço ao som de músicas diversas, seguindo comandos do ministrante (exemplos: imaginem um animal pesado e andem como esse animal e no ritmo da música). Encaminhando-se para o encerramento da oficina, os comandos passam a ser de gestos mais lentos e relaxantes, e finalizam com um abraço coletivo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as experiências proporcionadas e os conhecimentos construídos nesta oficina poderão contribuir para a formação humana e o reconhecimento das potencialidades corporais e do corpo como importante



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



instrumento de comunicação e transformação/criação de novas formas de existência.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária, pela bolsa do Programa de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e Extensão Universitária.

REFERÊNCIAS

1. FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1983.
2. LUKÁCS, G. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In.: MARX, K.; ENGELS, F. **Cultura, Arte e Literatura** (Textos Escolhidos). São Paulo, SP: Expressão Popular, 2012.
3. MARX, K., ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
4. MASETTI, M. **Boas Misturas: a ética da alegria no contexto hospitalar**. São Paulo: Palas Athenas, 2003.
5. SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.
6. SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.
7. SPOLIN, V. **Jogos Teatrais – o fichário de Viola Spolin**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001.
8. SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo**. Campinas: Autores Associados, 2002.
9. STRAZZACAPPA, M. A Educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedes**, ano XXI, n. 53, p. 69-83, 2001.



APOIO:

Integração
que gera energia
e desenvolvimento

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:

